

**JOSÉ FERNANDO BITTENCOURT SAMPAIO**

**Professor Adjunto e Regente de Odontologia Legal e Deontologia  
Centro de Ciências Médicas  
Universidade Federal Fluminense**

# **PALATOSCOPIA**

**EM IDENTIFICAÇÃO**

**— 2.<sup>a</sup> EDIÇÃO —**

**RIO DE JANEIRO (GB) — 1973**

**JOSÉ FERNANDO BITTENCOURT SAMPAIO**

**Professor Adjunto e Regente de Odontologia Legal e Deontologia  
Centro de Ciências Médicas  
Universidade Federal Fluminense**

# **PALATOSCOPIA**

**EM IDENTIFICAÇÃO**

**— 2.<sup>a</sup> EDIÇÃO —**

**Composto e Impresso nas Oficinas Gráficas  
da SUSIPE - Instituto Penal Lemos Brito**

**RIO DE JANEIRO (GB) — 1973**





Tipo: Pe-Oed-Oei-Oep-Add-Ida-Cd 7

Ind. Dat.

Registro

Data da ident.

Nascido em

Nome

Sexo

Nacionalid.

Naturalid.

402

SERVIÇO DE IDENTIFICAÇÃO  
BITTENCOURT SAMPAIO

Assinatura do Identificando

Obs.:

Director

Funcionário

402

Inscrição

*Ao afeto de minha esposa e ao sorriso  
despreocupado dos meus filhos.*

O autor

## INFORMAÇÃO

A terceira edição de Palatoscopia foi redigida, mas não impressa. Nela consta a substituição dos materiais que se tornaram inacessíveis para execução da técnica empregada. Assim, a suspensão de fabricação do celuloide fez substituto do líquido de cobertura indicado, laca cristal de nitrocelulose incluída de negro de fumo para contraste, ou na impossibilidade, de óxido preto de ferro. Laca acrílica pode ser empregada com qualidade deficitária. O acetato de celulose da segunda fórmula, tem venda no mercado de materiais dentários. Por sua vez, o licopódio se isentou do mercado brasileiro, comportando substituição na massa para impressões pelo enxôfre peneirado. O enxôfre é adicionado em banho maria, apenas em oito partes, às gorduras previamente misturadas a maior temperatura, sendo resfriada lentamente a mistura na própria água do banho maria e posteriormente, incluída a parte corretora da viscosidade pela manipulação a frio. O palatograma só deverá ser incluído à abertura da ficha palatoscópica quando seco do óleo de linhaça, sendo então fechada a abertura com fita adesiva larga. O enxôfre não é o melhor substituto para o licopódio da massa mas sim, o polem de pinheiro que, inexistente no respectivo mercado, só tem possibilidade de aquisição no fornecimento direto da empresa de plantio.

Advertência: Não empregar sucedâneos do querosene, que desagregam a reprodução palatal. Empregar o óleo de linhaça autentico, ou seja, o vegetal. Não se utilize uma composição para fundição indevidamente denominada licopódio.

De volta à conformação dos palatogramas, a demonstração matemática do postulado da variedade, é substituída por outra mais extensamente referida, feita sobre o palatograma seguinte, evidenciando acentuadamente a variedade dos palatogramas. Acha-se do seguinte modo efetuada:

Partindo da tendência à variedade, que se observa nos palatogramas, tomemos o segundo palatograma da prancha VII.

Conforme se pode verificar, apresenta um total de 24 linhas, excluída a suplementar; não distinguindo as que estão em composição das que se acham em disposição simples. Substituindo agora a noção de linha pela do espaço que ocupa no palatograma, ficamos com um total de 24 vagas, que aumentamos sem reservas para 30, considerando a limitação das linhas breves. Cada uma dessas vagas pode ser preenchida por uma das 6 modalidades de linha, modificando 6 vezes cada combinação obtida com as demais vagas; a vaga do ponto segmentando a linha.

Eis porque, para sabermos aproximadamente o total de combinações passível de obter com um palatograma semelhante, basta multiplicar o número 6 por si mesmo num total de vezes igual ao de vagas, que é de 30.

Assim sendo, multiplicamos o número seis por si mesmo 30 vezes, o que equivale a elevá-lo à 30ª potência. Se agora considerarmos as três variantes de papila, incisal, cada uma admitindo quatro combinações por acompanhamento ou não de linha suplementar, as combinações de linha à 30ª potência passarão à 360ª potência. Achamos desnecessário efetuar o cálculo, para que se compreenda que se obterá um número extraordinariamente superior à população do mundo.

Franqueiam-se sugestões dos cooperadores constituídos.

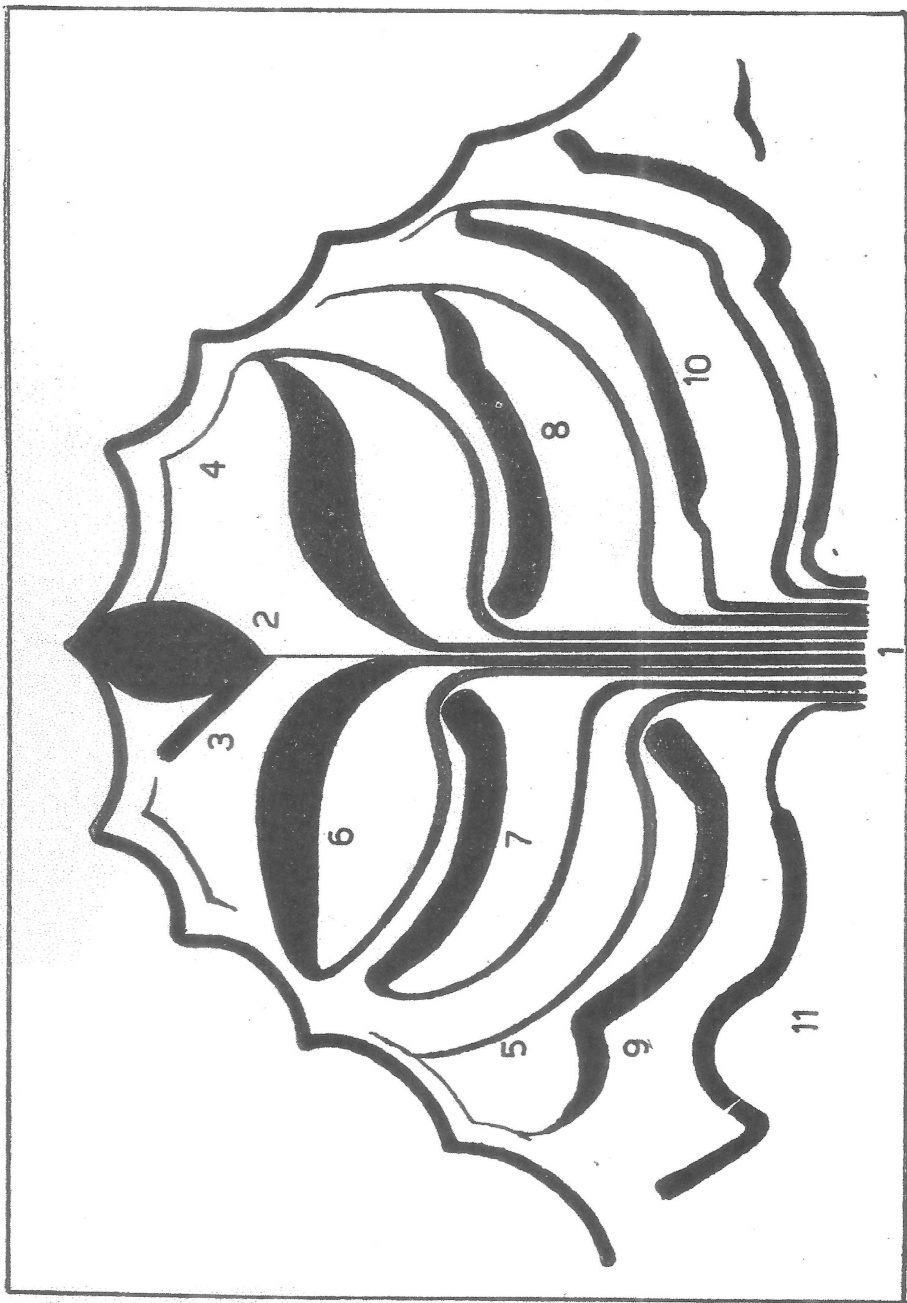
#### **Aditamento Importante**

O único verniz de nitrocelulose do atual mercado com plenos requisitos para líquido de cobertura é o verniz DOPE incolor para aeromodelismo, levado à consistência de uso por acréscimo de acetona pura. Os demais só têm emprego com massa impressora de carga de enxofre, abreviando o tempo de imersão da mesma no querosene.

Professor José Fernando Bittencourt Sampaio  
Rua Profª Maria de Lourdes Moreira, 111  
Barão de Javary - Miguel Pereira - RJ.  
CEP 26.900-000                      Tel.: (24) 2484-2450

## A P R E S E N T A Ç Ã O

*Motiva a 2.<sup>a</sup> edição de Palatoscopia, o interesse que este procedimento despertou nos meios oficiais. Entendemos que já é hora de o apresentarmos sob ponto-de-vista essencialmente prático, uma vez que inclui técnica original, ainda em fase de divulgação. Como se pode verificar, aproveitamos a ocasião para eliminar do texto algumas imprecisões nos conceitos anteriormente emitidos, deixando-os expressos em função das correspondentes consequências práticas. Agradecemos sinceramente o incentivo que temos recebidos de todos aqueles que se interessam pelo nosso trabalho.*



# FRANCHA I

- 1 Rafe — 2 Papila Incisal — 3 Linha Suplementar — 4 Margem — 5 Geratriz — 6 Linha Alta Conjugada — 7 Linha Marginal — 8 Linha Marginal — 9 Linha Marginal — 10 Linha Conjugada — 11 Linha Nuclear.

## PALATOSCOPIA, SEUS FUNDAMENTOS

Ao sistema identificatório que passamos a expor, sugeriu-se o nome de palatoscopia. Para se formar esta palavra, juntou-se ao termo palato, já integrado à Anatomia, a raiz **skop**, do grego **skopéo**, que significa olhar, terminando o vocábulo com o sufixo ia.

Consiste a palatoscopia na identificação pelo exame das reproduções palatais. Chamamos reproduções palatais, ao conjunto de faixas obtidas por técnica especial e com auxílio das impressões palatais, que traduz a forma e as relações recíprocas das cristas papilares da mucosa palatina. Entendemos por impressões palatais, as superfícies sulcadas que se obtêm em material plástico por adaptação à abóbada palatina.

Aceitamos como alto da impressão, ou da reprodução, a parte mais estreita que corresponde à região dos dentes incisivos; como base, a parte mais ampla, correspondente à região dos dentes pré-molares.

Os mesmos postulados que fundamentam a datiloscopia foram reconhecidos por Carréa, Luiz Silva e outros odontologistas, como aplicáveis às papilas palatinas.

De acordo, portanto, com o postulado da perenidade, as disposições que tomam essas papilas, ainda em vida intra-uterina, só após a morte se desfazem, com a putrefação cadavérica.

Consoante o postulado da imutabilidade, são essas disposições entretidas durante a vida do indivíduo, quando se refazem do efeito de pequenos traumas, dando às deformações um caráter transitório.

Segundo o postulado da variabilidade, uma reprodução palatal só é igual a si mesma. Este postulado admite demonstração matemática.

Conjuntamente com estes três postulados, admitem os referidos autores, para o relevo palatino, uma propriedade que lhe é peculiar e que consiste na sua resistência à destruição pelo fogo e à maceração. Resulta esta propriedade de sua estrutura fibrosa e densa com escasso tecido mole subjacente, para não falar da proteção que lhe dispensam as bochechas e da condição de se encontrar em meio úmido. É em função desta importante propriedade que se constitui a palatoscopia, complemento da datiloscopia.

Para esclarecimentos pormenorizados sobre os antecedentes deste sistema de identificação, recomendamos a leitura do excelente trabalho de Jorge de Souza Lima "Considerações sobre o estudo das rugosidades palatinas".

## ESTUDO ANALÍTICO DAS REPRODUÇÕES PALATAIS

As saliências papilares da mucosa palatina, evidenciadas nas reproduções palatais, em função de opacidade à luz, traduzem-se por faixas escuras que se limitam a pequenas extensões. Como não vamos identificar procedendo a exame direto, apenas interessa-nos estudá-las através das reproduções palatais.

Chama-se rafe a faixa mais extensa, disposta no eixo longitudinal da figura. Forma-se a mesma do reforço mútuo de faixas menos pronunciadas ou geratrizes, que se vão separando de baixo para cima em forma de ramallete, deixando mais apagado o seu extremo superior (fig. a pr. II).



As geratrizes contornam superiormente faixas mais acentuadas ou linhas palatais, como se lhes emprestasse forma (fig. b, pr. II). por vezes contornando inferiormente as mais externas, que geralmente determinam o seu desdobramento (fig. c, pr. II). Sua forma é muito regular e mostram-se mais visíveis junto à rafe, apagando-se à proporção que se aproximam da margem.

Chamamos margem à linha simbólica, embora às vezes parcialmente real (fig. d, pr. II), que circunscreve o conjunto numa sucessão de curvas e que supomos formada pela reunião dos extremos sutis das diversas geratrizes.

A maior parte das geratrizes, fugindo à disposição característica que descrevemos, acentuam-se no decorrer do seu desenvolvimento, do que resultam as linhas. Estas podem ser nucleares, marginais, ou conjugadas, conforme compreendam geratriz apenas no extremo interno (fig. e, pr. II), apenas no externo (fig. f, pr. II), ou em ambos (fig. g, pr. II).

No caso de linhas nucleares, as geratrizes são de rafe e nelas se transformam diretamente; nas linhas marginais, as geratrizes são de margem (fig. f, pr. II), ou então de rafe (fig. h, i, pr. II), que, ramificadas ou não, voltam-se sobre si mesmas em sentido inverso, dispondo-se a linha por cima da geratriz. Estas linhas interrompem-se no ponto em que deixa a rafe a geratriz da linha imediatamente superior, cortando-lhes a direção.

Por um curioso efeito, as linhas são imprecisamente alargadas com a excessiva proximidade de uma geratriz (fig. j, pr. II).

As linhas nucleares diferenciam-se das geratrizes circulantes, porque acentuam os seus caracteres à proporção que se afastam da rafe. As linhas marginais diferenciam-se das referidas geratrizes, pela solução de continuidade que apresentam em relação à rafe, ou à geratriz da linha imediatamente superior. As linhas conjugadas diferenciam-se das geratrizes circulantes, pelo reforço e posterior debilitamento de um extremo a outro.



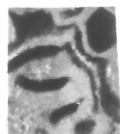
a



b



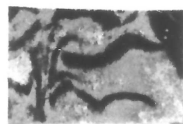
c



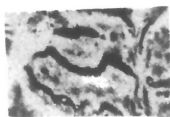
d



e



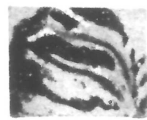
f



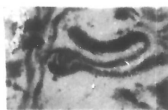
g



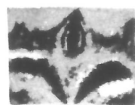
h



i



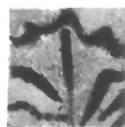
j



k



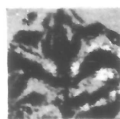
l



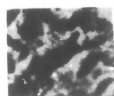
m



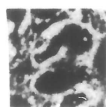
n



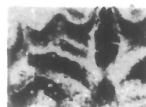
o



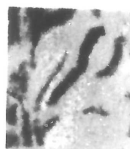
p



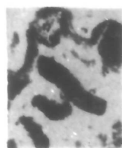
q



r



s



t



u



v



w



x

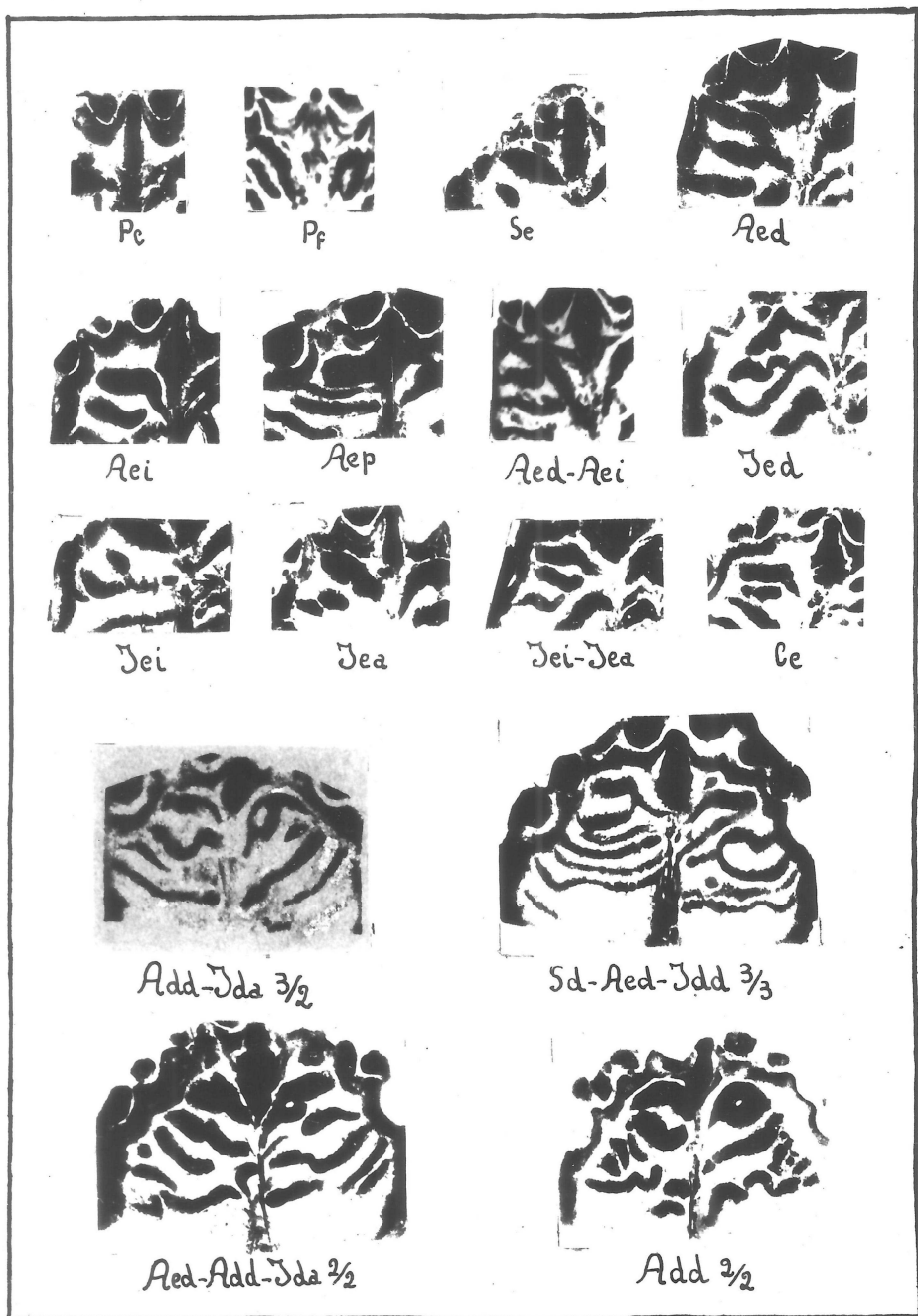
Denomina-se papila incisal a linha breve e de formas peculiares, que se dispõe na parte mais alta e mediana do conjunto. Nota-se, às vezes, o seu envolvimento por duas geratrizes que com ela se unem à margem (fig. k, pr. II). Será classificada como papila diferenciada, se apresenta convexidades laterais que a diferenciam da rafe (fig. l, pr. II), como papila continuada, se a sua forma é continuação da forma da rafe (fig. m, pr. II) e como papila figurada ou ausente, se apenas se notam as geratrizes que deveriam tê-la ocasionado (fig. n, pr. II). Consideramos suas integrantes as geratrizes envolventes pronunciadas (fig. o, pr. II).

O aspecto difuso que se nota, às vezes, em certas linhas, é consequência da extrema proximidade da geratriz imediatamente superior, procurando-se, neste caso, a forma da linha no seu contorno inferior (fig. p, pr. II). Fenômeno análogo ocorre quando a linha envolve uma geratriz que lhe acresce o contorno com mancha difusa, determinando-se a sua forma pelo contorno oposto (fig. q, pr. II).

No que se refere às anastomoses de linhas, pode verificar-se que se fazem com a colaboração de ambas as partes e só excepcionalmente, pela incidência simples de uma linha em outra. É o que se conclui da observação de casos que não chegaram a se concretizar (figs. s, t, u, pr. II). Verifica-se que há uma acomodação das porções que se ladeiam, procurando continuar-se mutuamente, do que resulta, às vezes, uma figura transversal no desenvolvimento da linha (fig. v, pr. II).

Nas anastomoses incompletas, há comumente uma geratriz que se insinua entre ambas as partes, o que dá, por vezes, a ilusão de que a anastomose realmente se efetuou (fig. w, pr. II). Em consequência, importa verificarmos, com cuidado, se as anastomoses realmente se concretizaram (figs. v, x, pr. II).

As linhas que ganham extensão, contando com preferência de campo, constituem o que entendemos por linhas dominantes.



### PRANCHA III

Parte superior: disposições incomuns do lado esquerdo do palatograma com exemplo de disposições acumuladas na linha alta (Aed-Aei) e na linha imediata (Jci-Jca). Parte inferior: palatogramas classificados.

## PALATOGRAMA, SEUS COMPONENTES

O estudo que vimos de fazer sobre as faixas escuras observadas nas reproduções palatais, permite enumerá-las da seguinte maneira :

1.º) — rafe ou trilha papilar composta, que se dispõe na linha média longitudinal ;

2.º) — margem ou linha quase convencional, que circunscreve os demais elementos ;

3.º) — geratrizes que se desligam da rafe e margem e entre as duas se distendem;

4.º) — linhas palatais, que resultam do avultamento das geratrizes.

A rafe é pobre em referências identificatórias. Os trechos reais de margem, ou se apresentam na qualidade de geratrizes circundantes, ou se integram ao sistema de linhas palatais. No que concerne às geratrizes, só sobressaem junto à rafe, variando a apreciação da sua forma de acordo com a capacidade de percepção do observador, ou a fidelidade da reprodução. Quanto às linhas palatais, são os elementos mais ricos em caracteres identificatórios evidentes.

Destes elementos, portanto, apenas as linhas palatais, apresentam referências capazes de assegurar uma perfeita classificação dos desenhos palatinos. Em consequência, importa que sejam perfeitamente delimitadas e diferenciadas das geratrizes.

Entendemos por palatograma a figura formada pelo conjunto de linhas papilares mais acentuadas da mucosa palatina, distribuídas de ambos os lados do prolongamento de uma mediana e breve denominada papila incisal.

Diferenciando os elementos que compõem os palatogramas, devemos considerar, em primeiro lugar, a papila incisal, cuja descrição já tivemos ocasião de fazer. Ao nível da base da

papila, de um ou de ambos os lados, é facultativa a presença de uma linha débil e pouco extensa, com tendência à forma reta. Trata-se da linha suplementar, a ser registrada quando inconfundível com geratriz (fig. r, pr. II).

Chamamos linhas altas às de características acentuadas que assumem, em cada um dos lados, a posição mais elevada. Quase sempre são linhas conjugadas, de estreita relação com a rafe.

Distingüimos como linhas imediatas as que, logo abaixo das linhas altas, possuem direção de conjunto que incide diretamente na rafe.

As linhas sem designação particular, que concorrem para estender o palatograma, constituem o que denominamos de linhas complementares.

### CLASSIFICAÇÃO DE PALATOGRAMAS

Classificamos os palatogramas registrando as suas disposições pouco freqüentes, em inspeção realizada do alto para a base e da esquerda para a direita, semelhante a uma leitura.

Para proceder deste modo, anote-se em seqüência, quando for o caso: papila continuada (Pc) ou papila figurada (Pf); suplementar esquerda (Se); suplementar direita (Sd); alta esquerda desdobrada (Aed); alta esquerda influenciada (quando procura formar figura com a linha imediata ou outra linha, Aei); alta esquerda de papila (quando se relaciona à base da papila, Aep); alta direita desdobrada (Add); alta direita influenciada (Adi); alta direita de papila (Adp); imediata esquerda desdobrada (Ied); imediata esquerda influenciada (quando procura formar figura com a linha alta ou outra linha, Iei); imediata esquerda afastada (com relação à rafe, descontada a distância observada no conjunto, Iea); imediata direita desdobrada (Idd); imediata direita influenciada (Idi); imediata direita afastada (Ida); complementares entre alta e imediata esquerdas (Ce);

complementares entre alta e imediata direitas (Cd). Registre-se, ainda, sobre um traço de fração, o número de dominantes do lado esquerdo, anotando, sob o mesmo traço, o número de dominantes do lado direito.

Como é fácil compreender, os tipos que comporta esta classificação de palatogramas resultam do número e especificação dos componentes excepcionais registrados (P, Se, Sd, Ae, Ad, Ie, Id, Ce, Cd). A subdivisão desses tipos decorre das disposições que emprestam caráter excepcional a certos componentes.

Os palatogramas que apresentam anormalidades de implantação das linhas, bem como os atingidos por lesões deformantes, são classificados como defeituosos e assinalados com a letra X. A inexistência de palatograma por perfuração da abóbada palatina fica expressa com a letra F (fenda).

Ao conjunto de disposições pouco frequentes do palatograma, mais a relação de dominantes, damos o nome de individual palatoscópica.

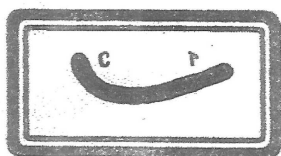
Chamamos ordem ao registro ordenado dos componentes excepcionais do palatograma; denominamos subordem o registro das disposições que respondem pelo caráter excepcional de componentes da ordem.

A inscrição da ordem, em conjunto com a da correspondente subordem, origina a fórmula palatoscópica, que assegura o arquivamento preciso do palatograma.

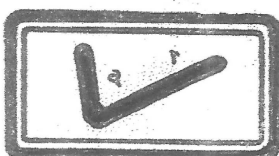
As pranchas III e VII exemplificam claramente a maneira de classificar os palatogramas.

## ARQUIVAMENTO DE PALATOGRAMAS E CLASSIFICAÇÃO NUMÉRICA DOS MESMOS

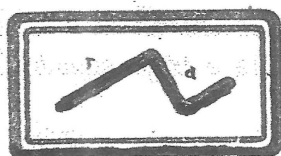
Para fins de arquivamento, os palatogramas são inicialmente separados quanto ao número de componentes registrados, desprezada a relação de dominantes. Em cada um dos



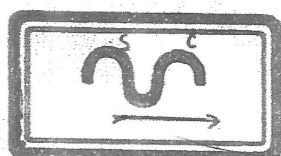
a



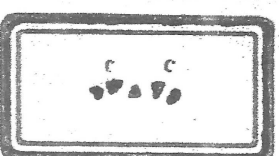
b



c



d



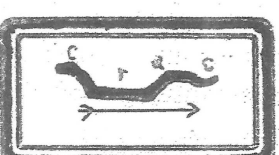
e



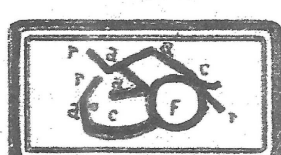
f



g



h



i

Prancha IV



agrupamentos obtidos, são ordenados de acordo com o lugar que os componentes registrados ocupam na sequência da inspeção para classificação, tomados um a um na sua sucessão e subordinada a ordem que cada um estabelece à conferida pelo anteriormente registrado.

Assim, por exemplo, o palatograma de classificação Pc Ied — Idi 2/3 vai anteriormente disposto ao palatograma de classificação Sd — Iei — Cd 1/2, uma vez que P é inspecionado antes de Sd, sendo este último palatograma disposto à frente do de classificação Sd — Idd — Cd 2/2, uma vez que Ie é inspecionado antes de Id.

Os tipos de papila e as figurações das linhas altas e imediatas permitem a subdivisão de palatogramas, considerados estes componentes um a um na ordem de seu registro, subordinando-se a subdivisão que cada um estabelece à conferida pelo anteriormente registrado.

A incidência de mais de uma figuração nas linhas altas e imediatas pode constituir uma única subdivisão de palatogramas. A relação de dominantes permite distinguir palatogramas com frações próprias, iguais a 1 e maiores do que 1. Em se tratando de palatogramas sem componentes excepcionais (ordinários), a relação de dominantes estabelece a subdivisão dos mesmos nas variedades que comporta.

Com o fim de facilitar o arquivamento, pode recorrer-se à classificação numérica de palatogramas, devendo-se, para isso, substituir os símbolos literais, relativos a cada componente, por outros numéricos, representativos da ordem de cada um na inspeção para classificação.

Assim procedendo, os símbolos a empregar para os componentes inspecionados serão os seguintes :

P = 1	Ae = 4	Id = 7
Se = 2	Ad = 5	Ce = 8
Sd = 3	Ie = 6	Cd = 9

Por sua vez, as modalidades de papila e as figurações das linhas altas e imediatas serão assinaladas com os seguintes símbolos numéricos :

Papila continuada = 1	Linha influenciada = 2
Papila figurada = 2	Alta de papila = 3
Linha desdobrada = 1	Imediata afastada = 3

Linha multi-figurada = soma dos símbolos de cada figuração + 1.

Ao registro dos componentes excepcionais ou ordem é acrescentado, em seqüência correspondente, o de suas disposições incomuns ou subordem, que, por sua vez, é seguido da relação de dominantes.

Por esta modalidade de classificação, o palatograma que tenha como fórmula literal Pc — Sd — Ied — Iei — Idi<sup>Ida</sup> — Ce 2/2, terá como fórmula numérica 13 678 — 146 2/2.

Pelo exame da ordem desta fórmula, conclui-se que os componentes excepcionais do palatograma são a papila incisal (1), a linha suplementar direita (3), a linha imediata esquerda (6), a linha imediata direita (7) e as complementares sob as altas esquerdas (8). Pelo exame da correspondente subordem, conclui-se que a disposição incomum da papila é a de continuada (1), a da imediata esquerda é a de linha desdobrada e influenciada (1 + 2 + 1 = 4) e a da imediata direita é a de linha influenciada e afastada (2 + 3 + 1 = 6).

Divididos os palatogramas conforme o número de algarismos da ordem, são em seguida ordenados pelo número por eles formados, comportando disposição, na seqüência estabelecida, atendendo ao número da subordem.

O número de combinações passível de obter com a classificação de palatogramas é bem superior ao que comporta a classificação decadatilar de Vucetich.

## FORMAS DAS LINHAS

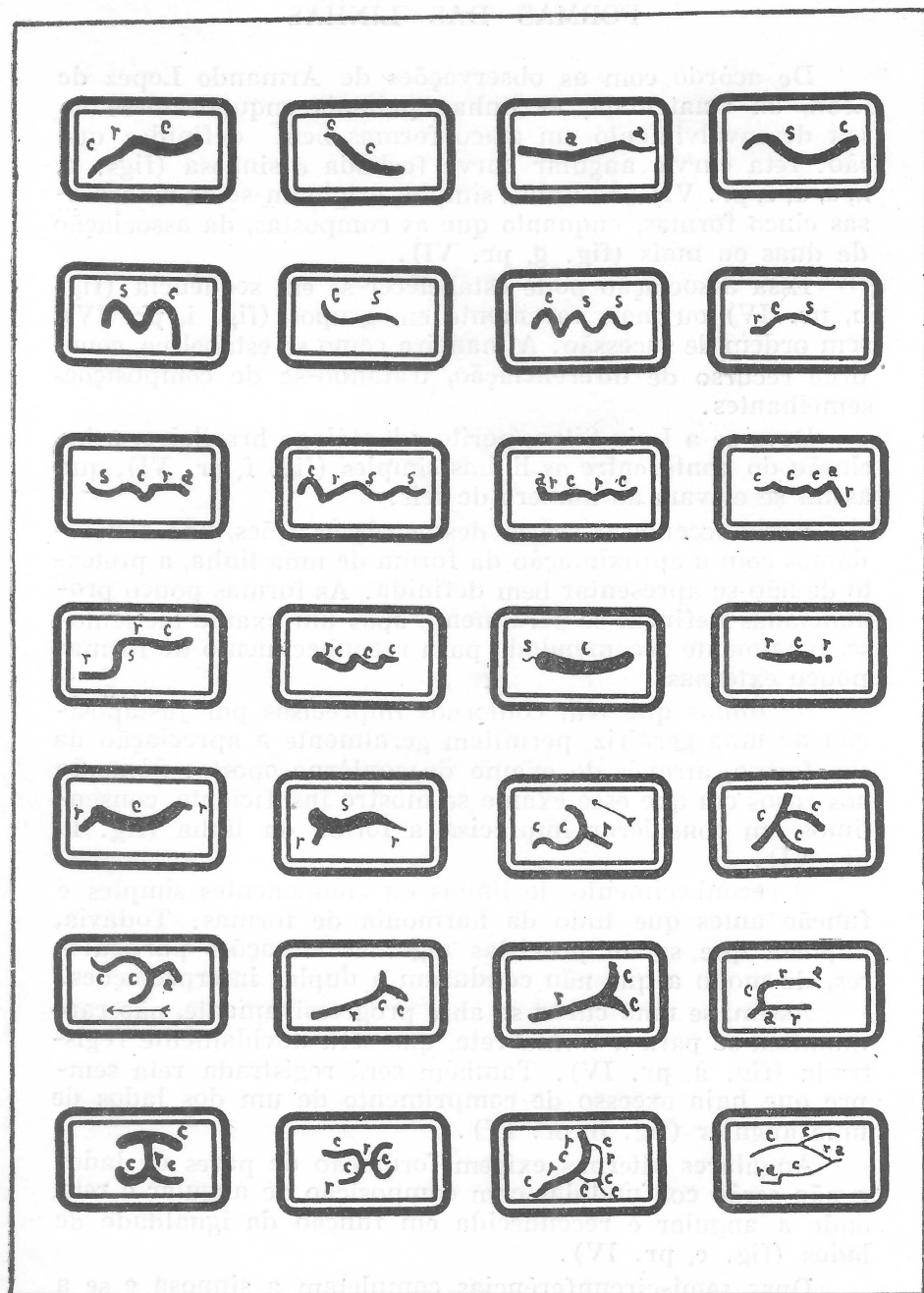
De acordo com as observações de Armando Lopez de Leon, da Guatemala, as linhas palatais enquadram-se, no seu desenvolvimento, em cinco formas bem definidas, que são: reta, curva, angular, curva fechada e sinuosa (figs. a, b, c, d, e, pr. VI). As linhas simples originam-se de uma destas cinco formas; as compostas resultam da associação de duas ou mais fig. g, pr. VI). Esta associação pode estabelecer-se em sequência (fig. h, pr. IV) ou mais raramente em grupos (fig. i, pr. IV), sem ordem de sucessão. A maneira como se estabelece, constitui recurso de diferenciação, tratando-se de composições semelhantes. Deve-se a Luiz Silva, perito dentista brasileiro, a inclusão do ponto entre as linhas simples (fig. f, pr. VI), que assim se elevam ao número de seis.

Reconhecendo o acerto destas observações, não concordamos com a aproximação da forma de uma linha, a pretexto de não se apresentar bem definida. As formas pouco pronunciadas definem-se geralmente após exame metódico, igualmente recomendado para reconhecimento de formas pouco extensas.

As linhas que têm contornos imprecisos, por justaposição de uma geratriz, permitem geralmente a apreciação da sua forma, através do exame do contorno oposto. Somente nos casos em que esse exame se mostre insuficiente, consentimos em considerar imprecisa a forma da linha (fig. h, pr. VI).

O reconhecimento de linhas ou componentes simples é função, antes que tudo, da harmonia de formas. Todavia, importa que sejam previstas algumas situações particulares, de modo a que não conduzam a duplas interpretações.

Assim, se uma curva se abre progressivamente, não raro modifica-se para a forma reta, que será devidamente registrada (fig. a, pr. IV). Também será registrada reta, sempre que haja excesso de comprimento de um dos lados de uma angular (fig. b, pr. IV).



Prancha V

Angulares alternas exigem formação de pares de lados e não serão confundidas com composição de angular e reta, onde a angular é reconhecida em função da igualdade de lados (fig. c, pr. IV).

Duas semi-circunferências completam a sinuosa e se a forma se estende, mas não chega a completar outro par de semi-circunferências, deve ser interpretada como composição de sinuosa e curva (fig. d, pr. IV).

Os fragmentos resultantes do fracionamento de uma linha por característica individual não devem ser encarados na qualidade de linhas simples, pois, na verdade, concorrem com os demais para dar corpo a formas simples (fig. e, pr. IV). Só quando se distanciam, de modo a não mais contribuírem no conjunto, é que passam a adquirir esta qualidade.

Em se tratando de composições com interpretações diferentes, nunca será rejeitada a que inclui disposição transversal da componente em relação ao desenvolvimento da linha (fig. f, pr. IV). Assim recomendamos proceder, em face da tendência que se observa nas anastomoses a se formar uma figura transversal em relação ao desenvolvimento da linha. Certos casos resultam, entretanto, da ordem em que se hão de tomar as partes das componentes, o que será feito no sentido rafe-margem (fig. g, pr. IV). Nos grupos complexos que admitem mais de uma interpretação, tome-se, dentre aquelas que se apresentarem, a que inclua o menor número de componentes.

As figuras da prancha V ilustram com variedade a maneira de reconhecer as componentes das linhas.

#### ACIDENTES DE DESENVOLVIMENTO E FIGURAS TÍPICAS

Denominamos acidentes de desenvolvimento a certas disposições próprias e pouco freqüentes das linhas palatais, que lhes ocasionam a interrupção.

Temos a considerar, na ordem da sua maior freqüência nos palatogramas :



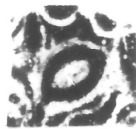
a



b



c



d



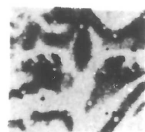
e



f



g



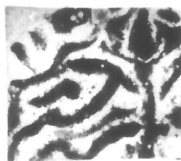
h



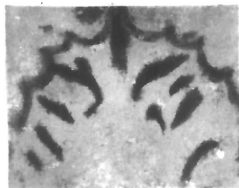
i



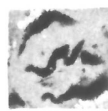
j



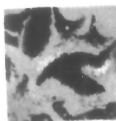
k



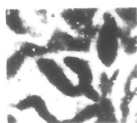
l



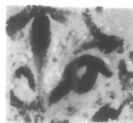
m



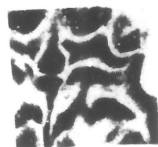
n



o



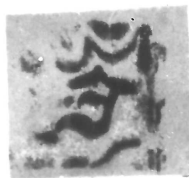
p



q



r



s

Prancha VI

Fragmentação — acidente freqüente. É o fracionamento de uma linha em porções espaçadas, que se limitam entre si com bordos retos (fig. i, pr. VI).

Corte — acidente mais observado na linha imediata, que, ao se dirigir para baixo, no sentido rafe-margem, força a interrupção de duas ou mais linhas que lhe são externas e que atingem a margem com obliquidade inversa (fig. j, pr. VI).

Bloqueio — envolvimento de uma ou mais linhas por outra, que é geralmente a linha alta, ou a linha imediata (fig. k, pr. VI).

Disjunção — é o afastamento progressivo das linhas em relação à rafe, a partir da linha imediata em direção à base (fig. l, pr. VI).

Cruzamento — acidente raro. É a interrupção momentânea de uma linha num corte caprichoso, para deixar passar a que lhe é transversal e retomar de novo as características interrompidas (fig. m, pr. VI).

Além dos acidentes de desenvolvimento, há que considerar as figuras típicas, que são formas peculiares e não freqüentes das linhas palatais, resultantes do seu desdobramento. Achamos desnecessário descrevê-las, semelhantes que se fazem aos pontos característicos das impressões digitais. São as seguintes, na ordem decrescente da sua freqüência: forquilha (fig. n, pr. VI), bifurcação (fig. o, pr. VI), encerro (fig. p, pr. VI), empalme (fig. q, pr. VI), desdobramentos opostos (fig. r, pr. VI), tridente (fig. s, pr. VI).

Tanto os acidentes de desenvolvimento como as figuras típicas são individualizantes preciosos, em face de sua pequena freqüência nos palatogramas.

## IDENTIFICAÇÃO DE PALATOGRAMAS

Assim como acontece em datiloscopia, a identificação palatoscópica admite as modalidades de pesquisa e de confronto.

A pesquisa consiste na procura, em arquivo, de palatograma idêntico ao que se tem em mãos. É procedimento corrente nas operações de arquivamento, pois nenhum palatograma deve ser arquivado sem ser antes pesquisado. A existência, no arquivo, de palatograma idêntico, demonstra que a pessoa já foi anteriormente identificada.

A pesquisa deve comportar as seguintes etapas:

1.<sup>a</sup> — Extração, do arquivo, do maço de fichas que comportam a mesma classificação da ficha que se tem em mãos.

2.<sup>a</sup> — Pesquisa, neste maço de fichas, de uma que possua palatograma semelhante.

3.<sup>a</sup> — No caso da existência de ficha com palatograma semelhante, retirada da mesma do respectivo maço e confronto dos palatogramas das duas fichas.

4.<sup>a</sup> — Estabelecida a identidade dos palatogramas, verificação do nome do identificado na ficha desarquivada e reconhecimento da pesquisa como positiva; excluída a hipótese de identidade, inclusão da nova ficha no maço desarquivado e reconhecimento da pesquisa como negativa.

O confronto consiste na comparação de dois palatogramas cuja identidade se suspeita. Deve comportar as seguintes etapas:

1.<sup>a</sup> — Classificação de ambos os palatogramas, que, apresentando divergências para os dois, elimina definitivamente a suspeita de identidade.

2.<sup>a</sup> — No caso de comportarem os palatogramas a mesma classificação, exame pormenorizado de cada um, capaz de lhe revelar as suas diversas sutilezas, procedido, para cada linha, no sentido rafe-margem e para o conjunto de linhas, no sentido alto-base.

3.<sup>a</sup> — Feitura de um esboço de cada palatograma onde sejam favorecidas as suas referências menos acentuadas.

4.<sup>a</sup> — Qualificação de cada forma componente de linha por aposição de um sinal convencionado junto ao correspondente esboço e registro, próximo ao desenho de cada linha, do



número de ordem com que foi examinada no respectivo lado do palatograma.

5.<sup>a</sup> — Verificação da existência ou não, em ambos os esboços, da mesma sucessão de formas igualmente combinadas, com verificação complementar da igualdade de extensão, largura, disposição e orientação das linhas de mesma ordem nos dois palatogramas.

6.<sup>a</sup> — Verificação da existência ou não dos mesmos acidentes de desenvolvimento e figuras típicas em ambos os esboços, onde devem ser cobertos com traços mais grossos, completada pela verificação de sua igualdade de posição e orientação nos dois palatogramas.

7.<sup>a</sup> — Verificação, junto a cada palatograma, da igualdade de aspecto e conformação da rafe e de cada geratriz que se fizer mais visível.

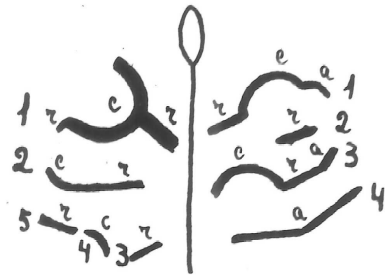
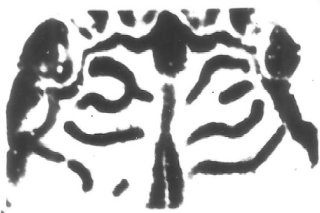
8.<sup>a</sup> — Conclusão pela identidade, no caso de verificação positiva nas etapas 5.<sup>a</sup>, 6.<sup>a</sup> e 7.<sup>a</sup> e pela não identidade, em caso de verificação negativa.

## DEMONSTRAÇÃO MATEMÁTICA DO POSTULADO DA VARIABILIDADE

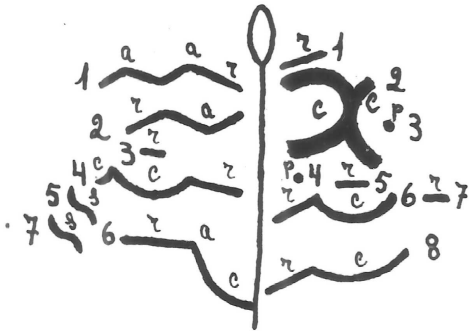
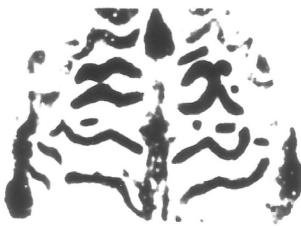
Partindo da tendência à variedade que se observa nos palatogramas, tomemos o 1.<sup>o</sup> palatograma da prancha VII, por ser o que menor número de referências possui.

Conforme se pode verificar, apresenta um total de 16 linhas, não distinguindo as que estão em composição das que se acham em disposição simples. Substituindo agora a noção de linha pela do espaço que ocupa no palatograma, ficamos com um total de 16 vagas, que aumentamos sem reservas para 20, atendendo aos espaços interpapilares, maiores que os ocupados pelas linhas. Cada uma dessas vagas pode ser preenchida por uma das 6 modalidades de linha, modificando 6 vezes cada combinação obtida com as vagas antecedentes.

Eis porque para sabermos aproximadamente o total de combinações possível de obter com um palatograma semelhan-



Aed-Ida 2/3



Sd-Aei-Add-Iei-Ida 4/3



Aed-Add-Ied-Iei-Coe-Cod 2/2

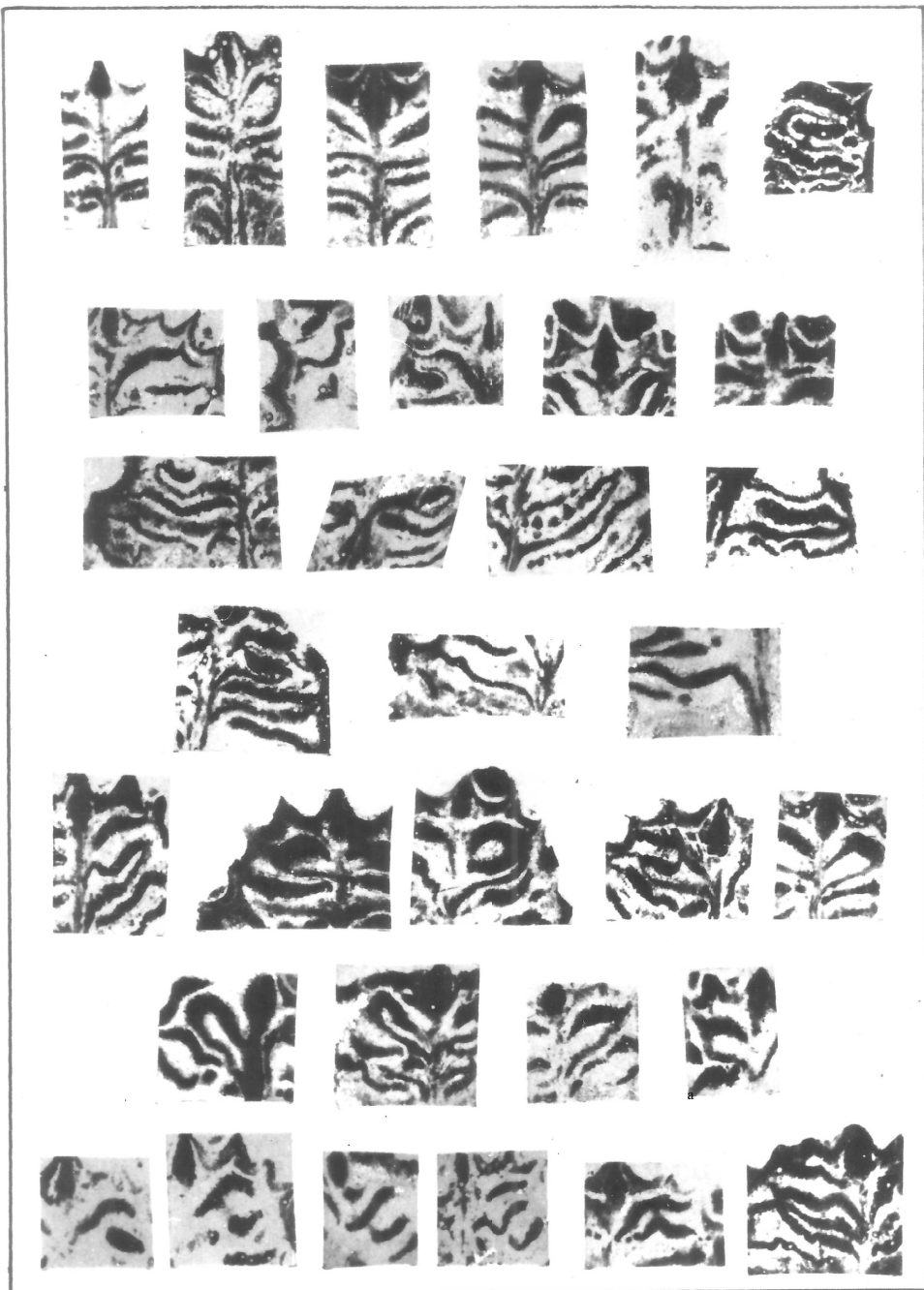
te, basta multiplicar o número 6 por si mesmo, num total de vezes igual ao de vagas, que é de 20. Assim sendo, multiplicamos o número 6 por si mesmo 20 vezes, o que equivale a elevá-lo à 20.<sup>a</sup> potência. Achamos desnecessário efetuar o cálculo, a fim de que se compreenda que se obterá um número extraordinariamente superior à população do mundo.

Ressalta, portanto, a impossibilidade de se dispor do número de palatogramas necessário ao esgotamento de sua variedade, conduzindo à repetição de um tipo primitivamente observado. Tanto mais que os palatogramas não variam tendo como padrão o exemplo tomado, mas também em base a diversos outros tipos, de incidência nem mesmo suspeitada.

Importa, porém, que não nos limitemos à confirmação das referências fundamentais. Deve-se a Bertillon a seguinte advertência: “O juízo da identidade se baseia sobre a verificação da presença de caracteres de semelhança e sobre a ausência de caracteres de dissemelhança”. A verificação, portanto, de um índice apenas dissemelhança é o bastante para excluirmos a identidade, embora que, a seu favor, militem vários índices de semelhança.

Atendendo a estas justas ponderações, devemos levar em conta, além do reconhecimento da forma das linhas: o aspecto da rafe e a forma das geratrizes mais visíveis, a amplitude das linhas e sua disposição e angulatura com respeito à rafe; as figuras típicas e os acidentes de desenvolvimento e as suas respectivas posições e orientações no palatograma.

Estes diversos fatores, apreciados em seu conjunto, dispõem sobre a identidade em caráter definitivo, na forma como o fazem as referências datiloscópicas.



#### PRANCHA VIII

1.<sup>a</sup> Carreira: Rafe e Geratrizes — 2.<sup>a</sup> Carreira: Margem e Suplementar —  
 3.<sup>a</sup> Carreira: Linhas Marginais — 4.<sup>a</sup> Carreira: Linha Marginal e Linhas Conjugadas com Geratrizes de Rafe e Margem — 5.<sup>a</sup> e 6.<sup>a</sup> Carreiras: Linhas Conjugadas com Geratrizes de Rafe — 7.<sup>a</sup> Carreira: Anastomoses incompletas.

## TOMADA DE IMPRESSÕES

A tomada de impressões palatais exige o prévio preenchimento da ficha palatoscóptica, que deverá trazer anotado o número de ordem com que foi considerada no dia. Enviadas as fichas ao responsável pela tomada de impressões, terão como primeira finalidade o controle do identificando, encaminhando na devida ordem as operações de identificação.

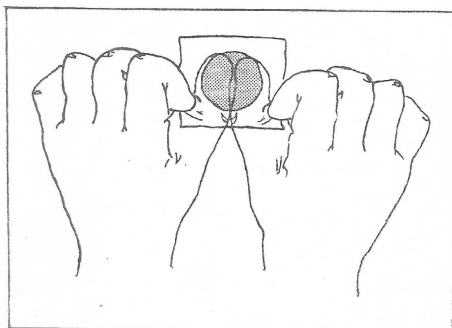
O recinto onde terão lugar essas operações será dotado de cuspideira e de pia devidamente equipada. Uma mesa lavável receberá cuba com solução de desinfetante não oleoso, o maço de fichas que encaminham a identificação, um rolo de papel absorvente, um jogo de algarismos em relevo e pastilhas de massa plástica apropriada de 3 cm de diâmetro com cerca de 4 mm de espessura, fornecidas entre dois quadrados de celofane de 5 cm de aresta, que são plastificadas à luz de uma lâmpada de filamento de carvão.

Após assegurar o indispensável asseio das mãos, o operador solicita ao identificando que retire peça protética removível que acaso possua na arcada dentária superior.

Nada havendo que impeça a tomada de impressões, o operador põe-se de pé e de frente para o identificando, também de pé, e solicitando-lhe que abra a boca, seca com papel absorvente o campo a impressionar. Em seguida, mune-se de uma pastilha de massa convenientemente plastificada e retirando-lhe uma das folhas do celofane envolvente, sustenta-a através do celofane restante sobre a porção interna da polpa dos polegares, cujas segundas falanges mantém unidas pela porção interna do dorso, prendendo o celofane por pressão dos indicadores sobre as pregas interfalangeanas dos polegares. É preciso que as extremidades livres dos polegares se projetem até o bordo da pastilha, de modo a alcançá-lo nos primeiros lances da tomada de impressões (fig. 1).

Fig. 1

Maneira de sustentar a pastilha de massa plástica na tomada de impressões em adultos.



Assim procedendo, introduz a pastilha na boca do identificando, fazendo-a, a princípio, aderir à mucosa palatina, para então, pressioná-la em toda a extensão por deslocamento dos dedos, da parte mais introduzida à mais exteriorizada, sem retorno à primeira. Importa não aplicá-la em região muito posterior, o que dificultaria a sua perfeita adesão. As pressões exercidas devem ser amplas e demoradas, proporcionando lentamente a acomodação da massa.

Obtidas as impressões, o operador lhes marca na base o número de inscrição constante na ficha palatoscópica, recorrendo ao jogo de algarismos para este fim reservado. Resta depô-las na solução desinfetante e restabelecer o asseio das mãos para reinício de atividades.

A tomada de impressões em crianças é feita com as mesmas de pé, sobre um plano mais elevado que o do operador e voltando-lhes o lado direito. O operador sustenta a pastilha de massa sobre a polpa do polegar direito, através do celofane que permanece aderido, prendendo o mesmo por pressão do indicador sobre a prega interfalangeana do polegar (fig. 2). Por motivos já conhecidos, é preciso que a extremidade do polegar se projete até o bordo da pastilha. Com a mão esquerda apoia a cabeça da criança. No restante, procede da mesma forma que para a tomada de impressões em adultos.

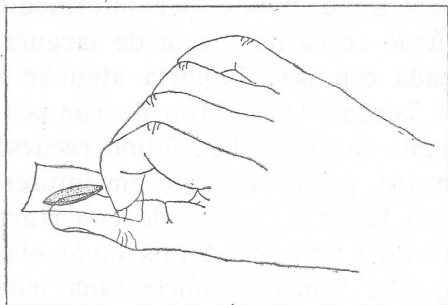


Fig. 2

Maneira de sustentar a pastilha de massa plástica na tomada de impressões em crianças.

## OBTENÇÃO DE REPRODUÇÕES PALATAIS E

### FICHAS PALATOSCÓPICAS

Obtidas as impressões palatais referentes às atividades do dia, são conduzidas aos trabalhos de reprodução, ainda na solução desinfetante em que foram introduzidas. Como primeira providência, são lavadas com água e postas a secar em local ventilado e fresco.

Uma vez secas, são colocadas sobre pequenos quadrados de papelão, sendo calçado o bordo superior e um dos laterais de cada uma, de modo a ficar a rafe na porção mais elevada e em posição praticamente horizontal (fig. 3).

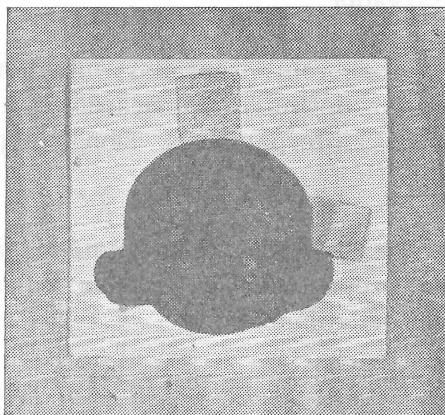
**Desprezada esta medida, não haverá possibilidade de se obter reproduções palatais com a presente técnica.**

Dispostas as impressões do modo acima descrito, são cobertas com uma solução opaca de celulóide por intermédio de uma espátula fina de bambú de cerca de 8 mm de largura, que espalha o líquido em camada espessa. Importa atenuar a deposição nas proximidades dos bordos, com o fim de compensar o escorrimento das partes mais centrais. Um ótimo recurso para evitar a sobrecarga dos bordos, principalmente em impressões de desdentados, consiste em levar o líquido de cobertura ao papelão que as suporta, nos dois pontos laterais onde elas se apoiam sobre o mesmo (fig. 3). Convém cobrir cada lado

em sua vez, do alto para a base, imprimindo, com uma das mãos, torções no quadrado de papelão, quando facilitem a deposição do líquido.

Fig. 3

Impressão coberta  
Note-se o papelão suporte, os dois calços de papelão e os excessos laterais de líquido sobre o papelão suporte.



Uma vez coberta uma impressão, cumpre limpar a espátula com papel absorvente, de modo a recuperá-la para a cobertura de outra impressão, devendo diluir-se a solução com acetona, quando, no decorrer dos trabalhos, se tornar espessa por evaporação.

Da rigorosa observação destes preceitos elementares depende, de modo direto, a excelência das reproduções obtidas.

Concluída a cobertura das impressões, espera-se que seque o líquido deposto, mergulhando-as então no querozene, a fim de que desliguem as películas que as cobrem. Logrado o desligamento destas películas, libertam-se as mesmas dos resíduos de massa, introduzindo-as no óleo de linhaça antes que se ressequem de querozene.

**Advertimos que a evaporação do querozene sobre películas prematuramente destacadas, acarreta o retraimento acentuado das mesmas, deixando-as inaproveitáveis**

As películas de celulóide que assim são extraídas de impressões já cobertas, constituem reproduções palatais a serem



observadas por translucidez, já que mostram opacas as reproduções das papilas, deixando translúcidas as demais regiões.

**Devem ser examinadas com o relevo voltado para o observador.**

Ao serem prensadas entre duas superfícies retas, experimentam definitiva retificação, que se processa às expensas dos espaços interpapilares, sem comprometimento da forma das linhas.

Deste modo, resta juntá-las às fichas palatoscópicas para elas preenchidas e mandar “plastificar” ficha e reprodução com polietileno.

Nessa “plastificação”, a reprodução vai disposta numa abertura de 3,2 cm x 4 cm existente no centro da ficha, com o relevo correspondendo ao retro da mesma. Esse último deve possuir, ao alto, a guia de arquivamento e em baixo, lugar para inclusão do nome do identificando, seguido de lugar para especificação do sexo. Ainda no retro da ficha e de ambos os lados da reprodução, devem existir pautas destinadas às seguintes anotações: número do registro, identificação datiloscópica, data da identificação, nacionalidade, data do nascimento, naturalidade.

O verso da ficha deve mencionar, em cima, o serviço de identificação a que a mesma pertence, devendo comportar, em baixo, junto à abertura retangular, lugar para o número de inscrição incluído na reprodução. De ambos os lados desta última, deve trazer pautas destinadas às seguintes assinaturas: do identificando, do funcionário que preencheu a ficha, do diretor do serviço.

Quanto às dimensões que recomendamos para a ficha, feita em cartolina, são as de 5,5 cm de altura por 9 cm de largura, que facilitam o arquivamento.

## MATERIAL PARA A TOMADA DE IMPRESSÕES E OBTENÇÃO DE REPRODUÇÕES

O material utilizado para a tomada de impressões é a massa plástica de nossa autoria, cuja composição é a seguinte :

Manteiga de cacau	1 parte
Lanolina	2 partes
Cera amarela	2 partes
Licopódio	15 partes

O preparo desta fórmula pode acarretar alguma dificuldade de ordem prática, pelo que passamos a descrevê-lo com pormenores.

Utilize-se recipiente apropriado, onde se introduz a lanolina veiculada numa lâmina de estanho ou de alumínio, onde é previamente pesada. Misturem-se as três substâncias gordurosas em temperatura bastante elevada, capaz de aproximar suficientemente as suas densidades, o que se consegue quando há desprendimento de vapores espessos. Se estes vapores se tornarem demasiadamente densos, poderão incendiar-se, pelo que se deve ter à mão uma tampa que obture o recipiente, caso isto aconteça, da mesma forma que um modo eficiente de extinção da chama utilizada para o aquecimento. A mistura é feita com auxílio de um bastão, com o qual se retira também a lâmina de alumínio em que se pesou a lanolina. Estando a massa ainda quente, porém já fora do fogo, vai-se progressivamente incluindo o licopódio, agitando-se a mesma com o bastão, de modo a evitar a formação de grumos. Quando o licopódio se houver embebido da mistura, espera-se que a mesma resfrie atingindo o estado semi-líquido, quando então será possível distribuí-lo uniformemente, por se manter em suspensão a partir deste momento.

Antes que tome consistência, a massa é passada a formas de borracha das que se utilizam para a fabricação doméstica

de gelo. É imprescindível que estas formas sejam de bor-  
racha e não de matéria plástica, que se inutilizaria sob ação  
do calor.

Retirada a massa das formas, manipula-se a mesma em  
pequenas porções de modo a torná-la plástica, reduzindo-a em  
seguida a esferas com cerca de 2 cm de diâmetro, que depois  
são esmagadas entre dois quadrados de celofane de 5 cm de  
aresta, de modo a formarem pastilhas de 3 cm de diâmetro e  
4 mm de espessura. Há necessidade de serem respeitadas estas  
medidas, pois o excesso de massa dificulta a obtenção das im-  
pressões e correspondentes reproduções.

Assim preparada, a massa é fornecida com os dois peda-  
ços de celofane aderidos, dos quais é retirado um no momen-  
to de ser utilizada, depois de ligeiramente aquecida à luz de  
uma lâmpada de filamento de carvão.

Compreendendo a necessidade de se dispor de material  
econômico, apropriado à identificação em grande escala, con-  
seguimos obter a seguinte mistura de baixo preço :

Cera amarela	1	parte
Sebo de boi	5	partes
Licopódio	12	partes

Com o fim de desodorizá-lo, o sebo deve ser previamente  
fundido em banho Maria em presença de pedaços de maçã.  
Do sebo assim tratado, empregue-se a camada inferior, ama-  
rela.

No que diz respeito ao líquido com que se cobre a im-  
pressão, prepara-se de acordo com a seguinte fórmula de nossa  
autoria :

Celulóide		7 g
Acetato de amila	} $\overline{aa}$	50 ml.
Acetona		
Negro de fumo		q. s.

Dissolva-se o celulóide na acetona e acrescente-se o acetato de amila. Importa não confundir celulóide com acetato de celulose, que é comumente vendido como celulóide.

O acetato de amila pode ser substituído por acetato de butila. Inclua-se o negro de fumo previamente espatulado num pouco da solução e em quantidade tal, que torne opacas as cristas papilares reproduzidas, deixando translúcidas as demais regiões.

Meio prático e econômico de obter o líquido de cobertura, consiste em incluir quantidade suficiente de negro de fumo numa laca incolor, à base de nitrocelulose.

Um bom líquido de cobertura da impressão, mas de secagem demorada, pode ser obtido com a seguinte fórmula de nossa autoria :

Acetato de celulose	10 g	
Tri-fenil fosfato	2 g	
Diacetona álcool	} — a a	50 ml.
Acetona		
Negro de fumo		q. s.

Dissolva-se o acetato de celulose e o tri-fenil fosfato na acetona e acrescente-se a diacetona álcool. O negro de fumo deve ser incluído como nos casos anteriores. A diacetona álcool pode ser substituída por lactato de etila. O tri-fenil fosfato pode ser substituído por 2 ml de eugenol, com supressão de 2 ml da diacetona álcool.

Não se misturem as soluções de celulóide e de acetato de celulose.

### PERÍCIA PALATOSCÓPICA

Para ilustrarmos como pode ter lugar perícia palatoscópica de confronto, suponhamos que em lugar mau freqüentado, tenha sido encontrada dentadura superior, cujo possuidor a Justiça deseja identificar. Encaminhada a pessoa de quem se pre-

sume pertencer a dentadura ao perito, este lhe tira as impressões palatais e obtém a correspondente reprodução palatal pela técnica já descrita. Tomando agora a peça protética que lhe foi confiada, o perito a depõe sobre um quadrado de papelão apoiada pela dentadura, que calça em pontos estratégicos, de modo a deixar a rafe palatina horizontal e na parte mais elevada. Obtida esta indispensável condição, considera a dentadura como se fosse uma impressão palatal, cobrindo-a com a solução de celulóide. Uma vez seco o celulóide, a dentadura constituirá uma reprodução palatal que deve ser observada por translucidez, para ser comparada, dentro da técnica, com a reprodução originária da pessoa indicada.

✓ A identificação pela palatoscopia depende da criação de arquivos palatoscópicos.

### INSTRUÇÕES DE ORDEM PRÁTICA

As linhas que se seguem constituem um complemento do assunto até agora exposto e têm o objetivo de poupar experiência a quem ingressar na prática palatoscópica.

Item 1 — O primeiro tema que abordaremos são as dificuldades que acaso possam ser encontradas na tomada de impressões palatais.

Para aquele que se exercita, alguns insucessos resultam da iniciativa de manipular a massa no momento da tomada de impressões, procedendo a esta operação com os polegares impregnados de resíduos que os fazem aderir ao celofane que reveste inferiormente a pastilha de massa, impossibilitando a perfeita adesão da mesma à abóbada palatina.

A aplicação dos polegares, através de um segundo quadrado de celofane, permite ao operador exercitar-se na tomada de impressões, recuperando a massa de cada impressão para obtenção de nova impressão no mesmo paciente.

Se por um excesso de adesão, o que dificilmente ocorre, a impressão não puder ser removida por tração do celofane,

ficando dele desprovida, o operador fará com que o identificando encha a boca de água e abaixe a cabeça a fim de banhar a pastilha, o que acarretará, em pouco tempo, o descolamento da mesma.

Geralmente, o acidente é devido à pressa no descolamento da pastilha e tração do celofane de uma só vez, para baixo. As trações exercidas no celofane para descolamento da pastilha devem ser alternadas e de direção inclinada.

Item 2 — Na cobertura da impressão com celulóide, a espátula deve excursionar sobre a mesma bem abastecida de solução. Se a reprodução se mostra borrada é que a solução se acha espessa por efeito de evaporação.

Uma vez lubrificadas, as reproduções não devem permanecer amontoadas, o que faria com que se unissem umas às outras com a secagem do óleo de linhaça. O excesso de óleo escorrerá sobre papel de jornal, que, uma vez embebido, será substituído. Empregue-se óleo de linhaça adquirido em embalagem fechada e mantido em recipiente bem vedado.

A eliminação dos excessos da reprodução facilita a sua retificação, ao ser incorporada à respectiva ficha.

Item 3 — Quanto à ficha palatoscópica, deve possuir ao centro a abertura destinada à reprodução palatal, já que a abertura lateral poderá acarretar ruptura junto ao bordo por ocasião da “plastificação”. Compreende-se que deve ser impressa em cartolina, que, nesta ocasião, protege a reprodução com sua espessura.

A “plastificação” deve ser feita em polietileno, que submete a reprodução a uma temperatura razoável e não acarreta adesão a outra ficha no arquivo.

Possuímos um dispositivo idealizado por nós, com o qual procedemos à “plastificação” manual da ficha, que assim pode ser impressa em papel. Consiste num disco de latão de 23 mm

de diâmetro e 2 mm de espessura, tendo o bordo bizelado num ângulo de 30°, móvel em torno de um eixo sujeito a uma das extremidades de uma chapa de latão de 25 x 6 mm, cuja outra extremidade se insere num corte longitudinal praticado num dos extremos de uma barra de latão de 6 mm de diâmetro, que, a 18 mm deste extremo, apresenta uma redução de diâmetro que a adapta a um soldador elétrico de 35 W. (fig. 4). Completa o equipamento uma placa de madeira de 1 cm de espessura e 10 x 14 cm de área, mantida encerada com o concurso de um pouco de cera virgem em água raz, mais um pedaço de régua colegial de madeira de 13 cm de comprimento e retalhos de polietileno de 0,1 mm de espessura, com área algo maior do que a da ficha a ser “plastificada”.

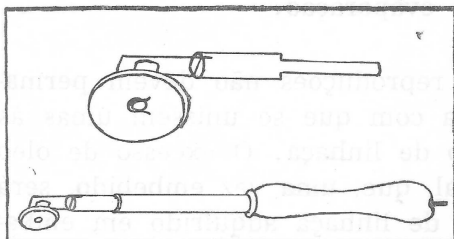


Fig. 4

Dispositivo para “plastificação manual” de fichas palatoscópias.

Ligado à rede elétrica o instrumento “plastificador”, dispõe-se um retalho de polietileno sobre a placa de madeira e sobre este último, a ficha palatoscópica acompanhada da respectiva reprodução palatal na abertura central, cobrindo-se o conjunto com outro retalho de polietileno. Sobre o retalho superior de polietileno, dispõe-se a régua com o bordo bizelado um pouco por fora do bordo da ficha e excursiona-se o disco do instrumento com o bizelado voltado para o da régua e por ele guiado. Obtem-se assim o corte dos retalhos de polietileno pela agudeza da periferia do disco e a soldadura de um ao outro, junto à parte cortada, pela fricção do bizelado do mesmo.

Item 4 — No preparo da massa plástica, pode tomar-se como base que uma pastilha pesa aproximadamente 10 g e assim, 1 kg de massa dará para o preparo de 100 pastilhas. Evite-se o estocamento de pastilhas. As esferas de massa por manipular devem ser mantidas em recipiente bem fechado. Quando conservadas por mais de um ano, as esferas devem ter



a sua superfície raspada no momento de fornecerem material para o preparo das pastilhas.

Item 5 — O celulóide a empregar no líquido de cobertura da impressão deve ser conservado em vidro escuro e fechado. Celulóide amarelado deve ser rejeitado por apresentar fraca viscosidade, quando em solução. 100 ml de solução são necessários para serem espatulados com negro de fumo até tonalidade preta bem pronunciada. A espatulação deve ser feita sobre placa de vidro, tendo-se à mão um solvente composto de partes iguais de acetona e acetato de amila, que se vai despejando sobre a placa de vidro à proporção que se espatula, de modo a compensar a rápida evaporação da solução. A espátula empregada não poderá ser de acrílico.

Desastrosa será a iniciativa de abreviar a espatulação, de cuja perfeição depende a homogeneidade da opacidade das reproduções.

Um vidro de boca larga com tampa de polietileno bem justa recebe as porções de solução já espatuladas, que nele são misturadas e dissolvidas até restituição aproximada da consistência primitiva. A apreciação desta consistência é feita pelo gotejamento do resíduo que se desprende de um bastão de vidro saído da solução.

De posse desta solução bem opaca, preparam-se 200 ml de outra transparente, que também se acondiciona em vidro de boca larga com tampa de polietileno bem justa.

Com auxílio de um bastão de vidro, vão-se trazendo porções sucessivas de solução opaca para a solução de celulóide transparente, até que esta última adquira o grau de opacidade necessário à obtenção de reproduções, o que se reconhece experimentalmente. Por fim, acrescenta-se a esta solução de opacidade controlada um pouco de acetona, de modo a compensar a evaporação devida à manipulação.

Para fins de ser utilizada, a solução de celulóide deve preencher vidros de 8 ml, dos que veiculam doses de antibió-



tico, que devem ser vedados por rolhas justas de borracha natural.

As reservas de solução devem ter a sua consistência verificada, antes de passarem aos vidros de consumo.

Item 6 — Na classificação de palatogramas é muito útil dispor-se de uma agulha de coser montada num cabo de madeira, que, aplicada por traz da reprodução, comprova se a direção da linha imediatamente sob a alta incide ou não na rafe. No levantamento dos acidentes identificatórios, este mesmo instrumento, assim aplicado, auxilia o reconhecimento de formas discretas de linhas curvas. O exame da reprodução através de papel milimetrado, esclarece se uma crista papilar é um ponto ou uma linha breve. O exame através de lupa evidencia os limites e as formas breves das linhas.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERTINI**, Vicente A. — “Odontologia Legal, Identidad e Identificación”, S. Amorrurti y Hijos, Buenos Aires, 1945;
- CARREA**, Juan Ubaldo — “La identificación humana por las rugosidades palatinas”, Buenos Aires, Rev. Ortodoncia 1 (2) pág. 141, 1937;
- CASTROVERDE** — “Foto rugoscópica sistema Dr. Castroverde, in Peñalver, J. — “Odontologia Legal y Deontologia Odontológica, Caracas, 1955;
- LEÓN**, Armando Lopez — “La Odontologia Criminal”, Guatemala, 1924;
- LIMA**, Jorge de Souza — Considerações sobre o estudo das rugosidades palatinas (Tese de doutoramento), Belo Horizonte, (mimeografada p/EMIL), 1964;
- PEÑALVER**, Julio — “Ficha odonto-legal y ficha rugo-palatina humana” — sistema Dr. Peñalver”, Caracas, 1944;
- SANTOS**, Clauco Martins — A identificação humana pelos caracteres odonto-rugopalatinoscópicos, Anais da Fac. de Odont. e Farm. de Minas Gerais, 1952/1953;
- SILVA**, Luiz — Ficha rugoscópica palatina “Sistema Luiz Silva”, Rio de Janeiro, Rev. Brasil Odontológico, 14 (11) pág. 307, maio/1938.

